

# A Construção da Imagem do Colonizador na Revista *Portugal Colonial*

Joana Ferreira<sup>1</sup>

joana.silferreira@gmail.com

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO, PORTUGAL

RESUMO. O objetivo principal do presente trabalho é analisar os mecanismos linguísticos utilizados por diferentes locutores no primeiro número da revista *Portugal Colonial*, com o intuito de credibilizar as suas opiniões e de condicionar os estados de crença, as atitudes e o comportamento dos leitores. Escrever o presente estudo permitiu-nos perceber que a construção da identidade do colonizador português é realizada por um processo de enaltecimento do mesmo, quer através de construções frásicas e de léxico valorizante, quer através de um processo de polarização face a um actante externo, numa perspetiva de conflito. Além disso, o material linguístico usado para definir a autoapresentação é notoriamente mais abundante do que o material linguístico usado para definir o Outro.

PALAVRAS-CHAVE. Revista *Portugal Colonial*, Discurso, Argumentação, Mecanismos Linguísticos inerentes à argumentação.

ABSTRACT. The main aim of this research paper is to analyze the linguistic mechanisms used by different addressers in the first number of the magazine *Portugal Colonial* in order to, not only give credibility to their own statements but also to regulate the beliefs, the attitudes and the behavior of the readers. Writing the present study allowed us to realize that the construction of the identity of the Portuguese colonizer is usually done by a process of enhancement of the latter, either through sentence structures and the use of lexicon aiming to praise him, or through a process of polarization against an external actant, in a conflict perspective. In addition, the linguistic material used to define the Self-presentation is notoriously more abundant than the linguistic material used to define the Other.

KEY-WORDS. *Portugal Colonial* magazine, Discourse, Argumentation, Linguistic Mechanisms inherent in argumentation.

---

<sup>1</sup> Estudante do 3.º ano do curso de Licenciatura em Ciências da Linguagem, variante Linguística, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

## 1 – Introdução

No presente trabalho, concernente à construção da imagem do colonizador português na *Portugal Colonial*, serão apresentados e analisados 16 textos e 16 publicidades, que constituem o *corpus* deste estudo, extraídos do n.º 1 da revista, datado de março de 1931. Deste modo, foram selecionados e submetidos ao Corpógrafo os enunciados que mais interessavam para a constituição desta análise. Assim, ter-se-á em particular atenção os mecanismos linguísticos que contribuem para uma imagem positiva do colonizador português, descrevendo e analisando, posteriormente, aqueles que foram considerados mais relevantes, essencialmente pelo seu carácter persuasivo. Este estudo, para além de visar documentar alguns fenómenos linguísticos que promovem a construção de uma imagem positiva do colonizador português, pretende ser o primeiro passo de uma análise exaustiva e detalhada, tendo, deste modo, como objetivo ser uma pequena introdução a uma investigação futura de maiores dimensões.

O interesse pelo estudo destes fenómenos discursivos é fundamental, como será demonstrado, pelo facto de os textos selecionados corresponderem a uma época em que toda a produção era controlada pela comissão de Censura do Estado, denunciando a nítida relação de filiação para com o regime político, e pela audácia e irreverência com que os vários locutores produziam os seus textos, essencialmente, num ato (assumidamente) propagandístico.

Servir-nos-emos, para uma definição mais detalhada dos fenómenos ocorrentes no *corpus*, do *Dicionário de Análise do Discurso* (2004), da *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (1996) e da *Gramática do Português* (2013). Os suportes teóricos que constituem a base do trabalho são as obras de Kerbrat-Orecchioni (1980), Vilela (2002), Palrilha (2009) e Van Dijk (2006).

O trabalho está estruturado em 7 secções. Na segunda secção, urge contextualizar brevemente a conjuntura em que se enquadrou a criação da revista *Portugal Colonial* e, na secção seguinte, fazer uma sucinta apresentação da mesma. A quarta secção será dedicada a um breve enquadramento teórico do assunto abordado ao longo do trabalho, com especial ênfase na conceção de discurso na sua conceção argumentativa. A quinta secção corresponderá à metodologia adotada para a elaboração do presente trabalho. Na sexta secção, exibir-se-á a apresentação dos mecanismos linguísticos, no que respeita à construção da imagem do colonizador, fazendo sobressair os adjetivos de cariz valorativo, as metáforas valorizantes e um processo de polarização face a um actante externo, numa perspetiva de conflito.

O resultado da análise realizada ao primeiro número da revista em apreço será visível na sétima secção, onde consideramos que há um forte uso da adjetivação valorativa referente ao passado glorioso e às figuras do poder militar, político e religioso que pretendem elevar o nome de

Portugal enquanto potência colonizadora. Além disso, é nas primeiras 8 páginas da *Portugal Colonial* que se observa a metáfora de Portugal e das suas colónias como um «paraíso», e também o tom hiperbólico, criado pela já referida adjetivação valorativa. No entanto, devido à falta de pormenorização dos temas abordados e à limitação do *corpus* analisado, não fica claro se os fenómenos linguísticos analisados serão uma característica estável encontrada em todos os números da revista em apreço.

## 2 – Contextualização histórica

Antes de se partir para o estudo da construção da imagem do colonizador na revista em apreço, e porque Discurso é texto em contexto, convém relembrar alguns aspetos da situação que enquadrava a criação da *Portugal Colonial*.

O quadro sociopolítico e económico em que Portugal se encontrava na primeira metade do século XX deveu-se a uma combinação de fatores, entre os quais a conjuntura nacional de crise, na sequência do *crash* da Bolsa de Valores de Nova Iorque de 1929, e a queda do governo de Ivens Ferraz, resultante da demissão do ministro das finanças, António de Oliveira Salazar. Destituição de pouca durabilidade, Salazar, quando retomou o cargo de ministro das finanças, assumiu temporariamente responsabilidades como Ministro Interino das Colónias. Durante esse tempo, e como estratégia de ascensão política, promulgou o insatisfatório decreto *Acto Colonial*, que reunia as garantias essenciais da nação portuguesa como potência colonial, as da administração ultramarina, as dos indígenas e as das relações económicas entre a Metrópole e as Colónias.

Foi neste período que o ex-tenente Henrique Galvão manifestou o seu total desagrado em relação ao modo como o Estado estava a lidar com os problemas entre a Metrópole e as Colónias e, como consequência, proclamou a intenção de mostrar à comunidade portuguesa uma necessidade emergente de mudança. Neste sentido, no quadro de uma Europa em que se faziam ouvir cada vez mais os regimes totalitários, e num Portugal que via a sua relação com as colónias cada vez mais debilitada, surge, assim, a criação de uma revista que tenta reavivar o espírito colonial e que procura:

“Contribuir na medida das suas possibilidades e com a pureza das suas intenções, até onde consiga realiza-las, para o restabelecimento dum sentido colonial que não póde ser prerrogativa dum grupo sem unidade, mas que tem que ser bussola e facho de quantos são alumiados pelo sol do Império Português.”

(Henrique Galvão 1931: 2)

### 3 – Apresentação da Revista Portugal Colonial

“Trata-se de levar a efeito uma activa propaganda do nosso Imperio Colonial com o fim de formar em Portugal uma consciencia colonial que tanta falta faz á valorização moral e material dos nossos extensos dominios.”

(Henrique Galvão 1931: 26)

*Portugal Colonial: Revista de Expansão e Propaganda Colonial* foi uma revista visada pela comissão de Censura, publicada pela “Empresa Portugal Colonial”, entre março de 1931 e fevereiro de 1937. Destinada, tal como é referido no próprio título, à propaganda das colónias, a revista mensal contou com a edição de 72 números e com a colaboração de altos dignitários da Nação – ministros, membros do governo e da administração colonial, militares, professores, entre outros. Do corpo dirigente faziam parte: o ex-capitão do exército e escritor Henrique Galvão, com a função de diretor da revista, J. da Fonseca Ferreira, como o redator-principal, e António Pedro Muralha, com o cargo de editor.

No que concerne ao aspeto gráfico, são de referir as capas da autoria do pintor e caricaturista português Carlos Botelho e o cabeçalho interior do desenhador e cartoonista João Dinis Fragoso. A capa realizada por Carlos Botelho apresenta, ao centro, a figura de um homem negro com um arado na mão. Neste instrumento agrícola, em forma de escudo na extremidade, que está em contacto com o solo, figuram as Quinas, que demonstram não só o espírito nacionalista que está presente ao longo de todos os discursos que compõem a revista, como também, metaforicamente, a imagem de alguém que está preparado para “abrir a terra e meter a semente”, alguém que está preparado para recomeçar o processo de colonização. Além disso, a atmosfera representada pelo pintor, constituída pelas duas palmeiras e pela terra, bem como a postura altiva da figura central, exercem sobre o leitor influência, consistindo no meio preferencial para que a comissão diretorial difunda os seus ideais e consiga a adesão dos seus potenciais leitores, numa primeira fase (ver Anexos: Figura 1). Similarmente, encontrar-se-á, no cabeçalho interior, uma ilustração de João Dinis Fragoso, que estimula no recetor o sentimento de nacionalismo, não através da via da harmonia e da serenidade que a capa transmite, mas sim através do avivamento da memória histórica da comunidade portuguesa, isto é, dos grandes feitos que foram concretizados durante a Época dos Descobrimentos. (ver Anexos: Figura 2).

Ainda respeitante ao aspeto gráfico, são apresentadas, apesar da sua escassez, fotografias do mundo em Angola (ver Anexos: Figuras 5-11). A comunhão entre fotografia e texto auxilia na construção de uma imagem de “paraíso colonial”, nomeadamente nas primeiras páginas da revista. Isto porque as primeiras páginas são de cariz mais propagandístico, em que se eleva o nome de Portugal e do seu Império e se sublinha a necessidade urgente de “animar as gerações novas”

(Galvão 1931: 2), enquanto as últimas páginas são de índole económica e, portanto, mais objetivas e imparciais, como mostraremos mais adiante.

#### 4 – Enquadramento Teórico

Como já referido anteriormente, o *Discurso* é concebido como a integração de um texto no seu contexto, com capacidade para modificar e definir o contexto de produção. Além disso, o discurso é interativo e polifónico, já que existe permanentemente um diálogo explícito ou implícito com outras *vozes* (virtuais ou reais), face às quais o locutor marca uma posição. Assume-se, ainda, conforme Pinto (2012: 195), que todo o discurso é “subjetivo e orientado, logo, argumentativo, [transportando] necessariamente uma visão do seu locutor e é construído para agir sobre o alocutário, sendo uma forma de ação sobre o contexto.”

Deste modo, considera-se que o discurso argumentativo está “no centro da conceção antiga da retórica. (...) [e] foi caracterizado de maneira intradiscursiva por suas diferentes **formas estruturais**, e de maneira extradiscursiva pelo efeito perlocutório ao qual estaria vinculado, a **persuasão**” (Plantin 2004: 52). Assim, realizam-se “jogos de linguagem” construídos para agir sobre o Tu e sobre o Real, comportando objetivos concretos: despertar a atenção e o interesse do alocutário, com o intuito de o iludir e o fazer aderir a determinadas crenças, atitudes e comportamentos. Será relevante, neste sentido, considerar que algumas características inerentes ao discurso argumentativo são a sua suscetibilidade de moldar reflexões gerais, verdades “supostamente” universais ou até mesmo assunções de senso comum, configuradoras de uma determinada visão do mundo. Em suma, o discurso argumentativo apresenta marcas que suportam a presença da persuasão quando “los interlocutores son libres de creer o actuar como les plazca, según si aceptan o no los argumentos de quien persuade” (Dijk 2006: 52), ou, ainda, da manipulação que implica o abuso do poder por parte do orador e, tipicamente, a presença de um recetor passivo. Por outras palavras, este uso da retórica ocorre quando o recetor carece de conhecimento específico, não compreendendo as verdadeiras intenções ou consequências das crenças defendidas pelo locutor. Será forma de manipulação comunicativa, portanto, de *propaganda* (ibidem: 52).

Neste seguimento, a *modalização linguística*, isto é, a estratégia à qual o enunciador recorre para determinar a sua posição em relação à mensagem que exprime ou para estabelecer uma interlocução mais ativa com o leitor, no sentido de o tentar convencer da validade do juízo expresso, assume um papel importante por afetar o enunciado como um todo (Corbari 2008). Ainda, conforme Oliveira & Mendes (2013: 630), a modalidade manifesta-se “em cinco domínios semânticos fundamentais: o domínio epistémico; o domínio interno ao participante; o domínio

deôntico; o domínio externo aos participantes; e ainda o domínio desiderativo, associado ao desejo e à volição”. Por ser o domínio mais marcado na revista em apreço, far-se-á uma breve apresentação da modalidade deôntica. Este domínio “veicula valores de permissão ou obrigação” (Oliveira & Mendes 2013: 630), possibilitando ao sujeito enunciador atuar sobre outros falantes presentes no enunciado. Deste modo, esta modalidade está diretamente ligada ao domínio do dever, retratando uma necessidade, uma obrigação, uma permissão e, por vezes, uma ordem. Além disso, o valor deôntico está direcionado para o(s) interlocutor(es), com o objetivo de agirem de uma determinada forma e, também, de reconhecerem autoridade assumida pelo enunciador relativamente ao seu interlocutor.

Retomando a definição de *modalização linguística* de Corbari (2008), cumpre sublinhar que esta estratégia integra todas as marcas do enunciador no enunciado, ou seja, todas as “unités signifiantes dont le signifié comporte le trait [subjectif]” (Kerbrat-Orecchioni 1980: 73) do *Eu* no enunciado. Entre os elementos léxicos que estão intimamente ligados às apreciações do enunciador (axiológicos), a autora apresenta as seguintes categorias linguísticas: substantivos, verbos, adjetivos e advérbios. Para este estudo, apenas serão focalizados os adjetivos subjetivos, portadores da marca avaliadora do enunciador, – nomeadamente, os axiológicos e os não axiológicos – devido à sua presença constante nos textos dos vários locutores ao longo da revista. Enquanto os avaliativos não axiológicos compreendem adjetivos que “impliquent une évaluation qualitative ou quantitative de l’objet dénoté par le substantif qu’ils déterminent” (Kerbrat-Orecchioni 1980: 86), os avaliativos axiológicos “portant sur l’objet dénoté par le substantif qu’ils déterminent un jugement de valeur, positif ou négatif.” (*ibidem*: 91) São, portanto, segundo a linguista, duplamente subjetivos na medida em que o seu uso varia segundo a natureza particular do sujeito da enunciação, cuja competência ideológica refletem e na medida em que manifestam, da parte do locutor, uma tomada de posição a favor ou contra o objeto denotado.

Para a construção do discurso propagandístico, no domínio da pragmática, consideramos essenciais os atos ilocutórios expressivos de elogio. No que concerne aos atos ilocutórios expressivos, “they are attempts to express a particular attitude represented by the propositional content of the utterance” (Holtgraves *apud* Palrilha 2009: 27). É a expressão de sentimentos, avaliações, juízos de valor ou desejos que subjaz à elocução. Importa referir que Norrick (*apud* Palrilha 2009: 30) estabelece um quadro de três condições preparatórias para a eficiente concretização de um ato ilocutório expressivo: “a pressuposição factiva, o julgamento de valor e as condições de identificação de papéis.” Assim, é importante notar que, antes do julgamento de valor

propriamente dito, os locutores apresentam usualmente enunciados que pressupõem um facto, uma verdade do estado de coisas, como forma de credibilizar determinada crença.

Uma outra estratégia discursiva empregada pelo locutor é através de um processo de polarização face a um actante externo (o *Outro*), numa perspectiva de conflito. Assim, “[u]n oponente o disidente puede ser desacreditado mediante la muestra usual de la polarización Nosotros/Ellos” (Dijk 2006: 65). No caso do texto propagandístico, esta estratégia parece ser muito útil como forma de persuadir os potenciais leitores, já que, como dito acima, o *Outro* está ligado a valores negativos e o *Nós* que é o “[elemento organizador] de um espaço em torno de um centro deítico - o EU – (...) [está] ligado a valores axiológicos do Bom (...) e a noções de Inclusão” (Pinto 2012: 1).

Em suma, nesta análise, procurou-se recolher os mecanismos linguísticos mais relevantes na construção da imagem do colonizador, conforme a metodologia que se irá apresentar em seguida.

## 5 – Metodologia

Como mencionado anteriormente, o *corpus* que serve de base para este estudo é constituído pelo primeiro número da *Portugal Colonial*. Com efeito, foram seleccionados 91 enunciados pertencentes aos seguintes 16 textos: «Portugal Colonial uma apresentação», por Henrique Galvão; «Reorganização Administrativa de Angola», por Armindo Monteiro; «A Fé e o Império», por Agostinho de Campos; «O Espírito da Raça na sua expansão além-mar», por João de Almeida; «As grandes riquezas industriais de Angola»; «Os funcionários coloniais e a actual crise das colónias», por Lisboa de Lima; «Problemas da Índia Portuguesa», por José Martins; «Prosa Bárbara»; «História sentimental dum leão e dum porco», por Angelo Diniz; «A cultura do algodão nas colónias portuguesas», por Fonseca Ferreira; «A navegação Nacional para as colónias»; «Efeitos salutareos da crise económica»; «Carta de Angola», por J.B.; «A propósito da importação de gado bovino», por Venancio Guimarães; «Expediente»; «Colégio da Bafureira».

Para além disso, foram seleccionados 16 enunciados pertencentes às seguintes publicidades: «Cartas da Metrópole»; «C. vinhas, Lda»; «Companhia de Mossamedes»; «V.va Augusto d’Aquino, Lda»; «Companhia do Sul de Angola»; «Propaganda colonial uma iniciativa das associações económicas do norte de Portugal»; «Manteigaria Londrina»; «O melhor vinho português...»; «Companhia de Cervejas Estrella»; «Papeleria Fernandes»; «Companhia de Moçambique»; «Companhia Central Vinícola de Portugal»; «Felix Ribeiro Lopes»; «Coelho e Castro & Alves, Limitada»; «Algodoeira Colonial, Limitada»; «Companhia Nacional de Navegação».

A ferramenta computacional utilizada para a análise do *corpus*, que pode ser consultado nos *Anexos*, foi o *Corpógrafo*. Com frequência, como forma de sustentar eficazmente a nossa argumentação, serão apresentados ou indicados exemplos retirados do *corpus*. Além disso, podem ainda ser observados em *Anexo* a capa, o cabeçalho interior, o *Expediente* e as imagens que foram consideradas mais importantes e necessárias para a análise.

Desta forma, após um breve enquadramento teórico acerca do tema do trabalho, sustentado nas obras de Kerbrat-Orecchioni (1980), Vilela (2002), Palrilha (2009) e Van Dijk (2006), serão expostos, na secção 6, os mecanismos linguísticos que contribuem para a construção da imagem do colonizador.

Por fim, passar-se-á em revista a principal bibliografia sobre o tema abordado, com o intuito de verificar os mecanismos linguísticos que conduzem aos processos de enaltecimento do Império Português e do “passado glorioso”. Para a realização de uma análise mais eficiente, procurou-se fontes suplementares que poderiam ajudar na definição de conceitos essenciais ao tema.

## 6 – A construção da imagem do colonizador português

A revista *Portugal Colonial*, por ser assumidamente destinada à propaganda do Império Português, apresenta vários elementos linguísticos – lexicais, estruturais e pragmáticos – que concorrem para a construção da imagem do colonizador. Como se poderá verificar adiante, é constante a referência ao passado glorioso, em termos positivos, e a referência ao “liberalismo”, em termos negativos, com o intuito de se diferenciar deste, numa estratégia de polarização e de conflito. Com efeito, os vários locutores que constituem a revista servem-se da crítica negativa ao “barranco aberto em 1820” ou aos “primeiros alvares do seculo passado” para credibilizar as suas ideologias<sup>2</sup>:

- (1) “PORTUGAL (...) **desviou-se do sentido colonial, por volta de 1820, com as primeiras febres do liberalismo.**” (f. 5);

---

<sup>2</sup> Veja-se ainda:

(1) “Porque a sua vida, **num meio ainda hostil a empreendimentos desta natureza**, não póde deixar de ser difícil, porque a anima uma idéia otimista que o pessimismo elegante do tempo não auxiliará, **porque os criticos de café e os caluniadores de profissão, lhe hão de atribuir todas as ruins intenções com que a sua inventiva habitualmente mimoseia todos os esforços**, porque, emfim, o «mal haver» que resulta do «por bem fazer» não é novidade nem consequencia imprevista para nós (...)” (f. 27);

(2) “Para tanto procurará, **longe de toda a politica inferior e de todos os interesses ilegítimos** fazer a propaganda das nossas colónias, pugnar pela formação de uma hierarquia de valôres, animar as gerações novas (...)” (f. 20);

(3) “E ninguém dirá que não seja este **um ideal capaz de substituir com vantagem e interesse essas ideologias torpes da Política que hoje constituem, quasi exclusivamente, o repasto espiritual dos portugueses que teem voz activa nos destinos do País.**” (f. 18)



- (2) “**Mas por fim dêsse tão caluniado seculo XIX**, (...) surgia tambem uma geração de coloniais que, dando realidade e grandeza á nossa soberania em terra de Africa, **sacudia o torpor em que viviamos** e restabelecia, na ordem militar, **o nosso desviado sentido colonial.**” (f. 11);
- (3) “ (...) mesmo nas colónias de Africa já tinhamos exercido intensamente, ficou preparada a grande obra de colonisação, **que o barranco aberto em 1820 tão lamentavelmente interrompeu.**” (f. 12);
- (4) “Numa palavra: é necessário que Portugal retome nas ordens política, moral e económica, tão brilhantemente como o retomou na ordem militar, **o sentido colonial perdido com os primeiros alvares do seculo passado.**” (f. 14)

A construção discursiva do apelo à mudança faz-se, portanto, à custa do contraste entre os ideais liberais e o regime ditatorial. Pode observar-se em (1) o despreço pelo liberalismo através da metáfora que lhe é atribuída: a “febre”, que apresenta, tipicamente, um valor negativo. A expressão “febre” adquire, neste sentido, uma ambivalência que lhe advém de ser ao mesmo tempo uma debilidade física (associada a um valor referencial ou denotativo) e uma metáfora da vulnerabilidade do ser humano ao contágio do mal e à corrupção moral (associada a um valor emocional ou conotativo). Vejam-se ainda os verbos “desviou-se”, “interrompeu”, “caluniado”, “desviado” e “perdido”, ao longo dos quatro exemplos selecionados, que transmitem um juízo negativo em relação, mais uma vez, aos ideais do liberalismo. No que respeita à ordem militar, observe-se a expressão adverbial “tão brilhantemente” que revela o tom elogioso às figuras do poder, em contraste com a expressão depreciativa “tão lamentavelmente”. Verifica-se, a partir dos exemplos expostos, que a metáfora do “paraíso colonial” se reforça pelo persistente contraste às “brumas da desordem”: para a construção de uma imagem positiva associada ao *Nós*, são apresentados, frequentemente, os valores e as crenças em relação ao *Outro*, como sendo negativos. Os locutores recorrem “à construção da figura do OUTRO no discurso, com a finalidade de se diferenciar, numa estratégia de polarização e até de conflito, deste OUTRO” (Pinto 2012: 33). Desta forma, os locutores utilizam estas estratégias de modo a intensificar as suas asserções e apresentar-se perante o leitor como um argumentador seguro e brilhante (Fuentes & Alcaide 2002).

Contudo, a construção de uma imagem de *paraíso* não se faz apenas através desta oposição entre ideologias. É, sobretudo, através de adjetivos avaliativos-axiológicos e de expressões valorativas que o processo de manipulação se desenvolve e ganha força. Observem-se os seguintes enunciados<sup>3</sup>:

<sup>3</sup> Veja-se outros exemplos, relativamente às Colónias:

(4) “a India, desde os Himalaias até ao Camorim, **se ufanava e satisfazia o mundo inteiro.**” (f. 91);

(5) “**O sal produzido é considerado o melhor do mundo.** As análises oficiais dão-no como muito próximo do apreciado sal de Setúbal.” (sobre as salinas do Capulo, em Angola) (fs. 84/85)

- (5) “PORTUGAL, a quarta potencia colonial do mundo, e primeira na riqueza das suas tradições coloniais, mestre de colonizadores, precursor equilibrado e perfeitissimo da colonização moderna e a nação que de direito, mais puro e indiscutível, é cabeça dum grande Imperio de fronteiras mundiais” (f. 5);
- (6) “Nenhum povo, em nenhuma época, foi, porém, como o português, animado por força de expansão tão viva e tão original (...) força que ainda hoje se deve invocar, para explicação do próprio temperamento da raça e boa orientação do espírito colonizador, que parece agora ressurgir agora dentre as brumas da desordem.” (f. 72);
- (7) “E a Nação, (...) um glorioso passado de heroísmo libertador e civilizador a honrar, um notavel património espiritual de lingua, de cultura e de génio cristão a defender e a manter (...)” (f. 7)

O processo persuasivo faz-se através da utilização de adjetivos avaliativos-axiológicos como “equilibrado”, “perfeitissimo”, “puro”, “indiscutível”, “viva”, “glorioso”, entre outros, e de expressões valorativas como “a quarta potencia colonial do mundo”, “primeira na riqueza das suas tradições coloniais”, “mestre de colonizadores”, “Nenhum povo, em nenhuma época, foi, porém, como o português” ou “um notavel património espiritual de lingua, de cultura e de génio cristão”. Como nos lembra Cunha & Cintra (1996: 247), o adjetivo “é essencialmente um modificador do substantivo” que serve para indicar uma qualidade, um modo de ser, o aspeto ou o estado aos seres, aos objetos ou às noções nomeadas pelo substantivo. Além disso, segundo os mesmos autores, serve também para “estabelecer com o substantivo uma relação de tempo, de espaço, de matéria, de finalidade, de propriedade, de procedência, etc.” (*ibidem*: 247). Os locutores enunciam um juízo de valor e, assim, estabelecem uma relação de compromisso emocional acerca do objeto denotado – o Império Português. A enumeração, as formas superlativas e os advérbios (como o advérbio “tão”), acompanhados dos adjetivos, concedem aos enunciados força ilocutória de carácter expressivo, isto é, enunciados que “expressam emoções, sentimentos, avaliações, juízos de valor ou desejos” (Palrilha 2009: 28), que são perceptíveis ao longo dos textos.

Na revista *Portugal Colonial*, como tem sido demonstrado até aqui, existe uma forte e constante veneração aos colonizadores, através essencialmente da adjetivação e da oposição entre o *Nós* e os *Outros*. Para complementar esse facto, há também, antes dos textos dos locutores convidados, uma secção que é destinada a prestar-lhes homenagem e louvor:

- (8) “as palavras de S. Ex.<sup>a</sup>, cheias de firmeza e de otimismo, de vigor e de serenidade, de consciencia e de confiança, teem um valôr e uma oportunidade que é escusado enaltecer.” [Dr. Armindo Monteiro, Ministro das Colónias] (f. 29);
- (9) “Sente-se que com ele prometem demolir-se velhas fórmulas, velhos preconceitos, empoeiradas idéias em que teem assentado raízes os velhos erros que tanto lamentamos.” [Dr. Armindo Monteiro, Ministro das Colónias] (f. 33);
- (10) “No momento em que à frente da pasta das Colonias se encontra um Ministro que é ao mesmo tempo um economista distintíssimo” [Dr. Armindo Monteiro, Ministro das Colónias] (f. 34);

- (11) “Mas o **sr. dr. Agostinho de Campos** – um dos raros europeus que temos a ventura de ter como compatriotas – tem escrito, sobre alguns aspectos dos nossos problemas coloniais com o brilho, o sentido de realidades, o espírito crítico e o bom senso que, sendo alias características muito nítidas do seu magnífico talento, mais uma vez o afirmaram como um orientador preciso (...)”(f. 52);
- (12) “As medidas postas (...) pelo engenheiro-agrônomo **Correia Mendes** (...) ha-de produzir bom fruto se forem regadas com paciência e insistência, que afoguem a excelsa resistência passiva, que recalitra contra inovações, contrárias á conservadora Índia dos tempos imemoriais.” (f. 95)

A construção discursiva da imagem do colonizador faz-se, também, com o recurso ao permanente enaltecimento dos indivíduos que beneficiam de um estatuto sociopolítico mais elevado, através, essencialmente, do mecanismo argumentativo/retórico da adjetivação positiva. Esta especial atenção que é dada aos autores dos textos cumpre uma função persuasiva, na medida em que há uma pretensão de inspirar e de reforçar uma imagem de seriedade, mas também de soberania, dos locutores: as palavras de Armindo Monteiro estão “cheias de firmeza”, “vigôr”, “de consciencia e de confiança”; Agostinho de Campos tem escrito “com o brilho, o sentido de realidades, o espírito crítico e o bom senso”; Correia Mendes “ha-de produzir bom fruto”.

Interessante é também sublinhar a evocação dos heróis e do passado glorioso e a comparação que se faz com o poderoso Império Romano e com a intelectualidade que era característica dos fenícios e dos gregos. Vejamos os seguintes enunciados:

- (13) “A crença e o entusiasmo religioso, a ambição de glória, o espírito cavalheiresco, a ânsia de lucro, o orgulho da nação ou de raça (...) – a nós e a outros depois de de nós – *dilatar a Fé e o Império.*” (f. 58);
- (14) “Mas o espírito da colonização, - colonização por fixação e intercolaboração dos colonizadores e dos colonizados, herdamos-lo dos **romanos**, enriquecendo-o com os ensinamentos anteriores dos **fenícios e dos gregos** (...)”(f. 76);
- (15) “Ali mesmo se principiou [**Época dos Descobrimentos**] a caracterizar a acção colonizadora dos portugueses, activa, energética, progressiva, humanitária, sentimental, sempre com um fundo de justiça e de igualdade fôsse qual fôsse o povo ou a raça a colonizar.” (f. 78)

Como se pode observar nos enunciados (13)-(15), a construção discursiva do colonizador faz-se, igualmente, através do avivamento da memória histórica da comunidade portuguesa, mas também através da comparação entre Portugal e os grandes feitos dos romanos, dos fenícios e dos gregos, e através da intertextualidade implícita de captação: “dilatar a Fé e o Império”, recuperando o Canto I de *Os Lusíadas*.

A metáfora do Império Português como *paraíso* faz-se através do uso valorizante de outras metáforas como: “sol”, “bússola”, “regado”, “florir”, “coração”, “alma”, “esperança”, “luz”. Por contraste aos ideais do liberalismo que eram “escuridão” e “coração aritmico e falhado”. Assim sendo, segundo Fuentes e Alcaide (2002: 298), no que respeita ao léxico, “es fácil reconocer que

existen en la lengua una serie de elementos léxicos que portan lo que se denomina el rasgo subjetivo, de tal manera que al aparecer en el discurso, el enunciador es reconocido como evaluador de una determinada situación.” Este mecanismo retórico, além de cumprir uma função estética essencial, pondo em evidência a sua força, cumpre também uma função persuasiva, capaz de influenciar as crenças e as atitudes dos leitores, através da produção de sentidos figurados por meio de comparações implícitas. Segundo Vilela (2002: 132), “[a] metáfora opera entre domínios, entre a visão e o conhecimento, entre o espaço e o tempo, e de modo tão natural como a ligação entre *dedo* e *mão*, ou entre *homem* e *mulher*.” Ainda sobre a metáfora, Lakoff & Johnson (*apud* Vilela) referem que “on the basis of linguistic evidence, we have found that most of our ordinary conceptual system is metaphorical in nature.” (*idem* 2002: 73)

É possível observar, ainda, que a *Portugal Colonial* é direcionada a um público leitor da alta sociedade, não só devido ao perfil económico, que é uma das características deste número da revista, mas também pelas formas de tratamento, nomeadamente na *Publicidade* e no *Expediente*: “V. Ex.” e “srs. assinantes”, respetivamente<sup>4</sup>. A partir dos enunciados selecionados para representar as formas de tratamento utilizadas na revista em apreço, observa-se que os locutores que compõem os textos tiveram em consideração não só o estatuto social do seu interlocutor, mas também o grau de proximidade existente entre ambos e o caráter formal da situação.

Além dos Atos de Fala Expressivos (de Elogio) que têm vindo a ser apresentados até aqui<sup>5</sup>, sobressaem os Atos de Fala Diretivos, de natureza deôntica, com os verbos modais “dever” e “poder” e com os verbos no imperativo em destaque:

- (16) “O Governo de Angola **não pôde nem deve** deixar-se continuar totalmente dependente das decisões de Loanda.” (f. 39);
- (17) “Contribuir na medida das suas possibilidades e com a pureza das suas intenções, até onde consiga realiza-las, para o restabelecimento dum sentido colonial que **não pôde** ser prerrogativa dum grupo sem unidade, mas que **tem que ser** bussola e facho de quantos são alumados pelo sol do Império Português.” (f. 19);
- (18) “«**Mas de modo algum deve deixar de ser** levado a crédito ou a débito do seu valôr como funcionários públicos e (...) o interesse ou desinteresse que eles mostrem pelo aumento da riqueza pública.»” (f. 86)

---

<sup>4</sup> Ver *Anexos: Figura 3* e *Figura 4*

<sup>5</sup> Veja-se ainda os Atos Expressivos de Lamento:

- (6) “**Triste é confessá-lo**. A êste movimento teem-se conservado indiferentes os industriais portugueses que só muito recentemente parecem dispostos a arripiar caminho.” (fs. 96/97);
- (7) “**Apenas é de lastimar** que num Paiz colonial de tão altas e distantes tradições colonisadôras, êsse espirito não esteja já creado e em plena florescia.” (f. 92)

As últimas páginas da revista apresentam uma linguagem mais séria, mais formal, revelando no discurso um menor envolvimento pessoal e um menor grau de interpelação direta do leitor. Apresentam essencialmente informações e tabelas sobre assuntos socioeconómicos respeitantes às colónias portuguesas e publicidade. Tem como função base explicar uma verdade, num enfoque racionalizante para influenciar o interlocutor. Vejam-se os seguintes exemplos:

- (19) “Nota-se também que apesar da baixa que durante o ano findo se deu nas cotações do algodão o valor da importação do mesmo ano ainda orçou por cerca de 1.400 mil libras.” (f. 106);
- (20) “Calcula-se que a produção de Angola em 1930 tenha sido superior a 800 toneladas, devendo a de Moçambique exceder em pouco a de 1929.” (f. 107)

Antes de concluir este capítulo, analisaremos a forma como as máximas de cortesia de Leech são respeitadas ou não respeitadas pelos enunciadores da revista *Portugal Colonial*. Como tem sido demonstrado até aqui através dos fenómenos linguísticos apresentados, os vários locutores que compõem a revista em apreço demonstraram uma certa audácia e irreverência no seu discurso para apelarem à adesão do leitor às suas crenças e convicções. Não só está presente o forte elogio e veneração ao Império Português, como a constante relação conflituosa com o *Outro* (nomeadamente, a ideologia liberal), criticando-o diretamente, sem que haja um processo de atenuação, isto é, uma minimização da força ilocutória “para conseguir chegar-se com sucesso à meta prevista e que é usada em contextos situacionais, com menor carácter imediato ou que requerem ou se deseja menos imediatez comunicativa” (Briz 2013: 284). Nesse sentido, consideramos que ao longo da *Portugal Colonial* foram violadas as seguintes máximas de Leech: Aprovação, Modéstia, Acordo e Simpatia, como se pode verificar nos seguintes exemplos:

- (21) **“Mas por fim dêsse tão caluniado seculo XIX, (...) surgia tambem uma geração de coloniais que, dando realidade e grandeza á nossa soberania em terra de Africa, sacudia o torpor em que viviamos e restabelecia, na ordem militar, o nosso desviado sentido colonial.”** (f. 11);
- (22) “(...) mesmo nas colónias de Africa já tinhamos exercido intensamente, ficou preparada a grande obra de colonisação, **que o barranco aberto em 1820 tão lamentavelmente interrompeu.**” (f. 12);
- (23) **“Nenhum povo, em nenhuma época, foi, porém, como o português, animado por força de expansão tão viva e tão original (...)** força que ainda hoje se deve invocar, para explicação do próprio temperamento da raça e **boa orientação do espírito colonizador**, que parece agora ressurgir agora dentre as **brumas da desordem.**” (f. 72);

## 7 – Considerações Finais

A realização do presente estudo permitiu-nos perceber que a construção da identidade do colonizador português na revista *Portugal Colonial* faz-se normalmente por um processo de enaltecimento do mesmo, quer através de construções frásicas e de léxico valorizantes, quer através de um processo de polarização face a um actante externo (o *Outro*), numa perspetiva de conflito. Ao mesmo tempo, sobressaem as Isotopias e as escolhas lexicais axiologicamente marcadas pela negatividade no que diz respeito ao *agora* e, pela positividade, no que diz respeito ao *antes* (nomeadamente, ao “passado glorioso”).

O conjunto de mecanismos linguísticos encontrados nesta análise é suficiente para compreender o método propagandístico do Estado Novo, em favor da expansão do Império, assente no recurso à *Adjetivação* e à *Metáfora*, concorrentes para uma visão heroica da Nação Portuguesa. Deste modo, e de forma assumida, o objetivo da revista era “incutir na mentalidade portuguesa uma esperança, confiante num futuro próximo das Colónias e nas Colónias um amor cada vez mais vivo pela mãe Patria” (f. 22). Neste sentido, apesar da dimensão reduzida da amostra, ao longo deste trabalho, foram expostas algumas características inerentes ao discurso argumentativo, que não devem, em nossa opinião, ser debatidas com leveza e que merecem ser problematizadas sob vários ângulos.

Não obstante, é importante referir que a análise de um único número da revista impede, desde logo, a generalização dos resultados obtidos. Deste modo, seria interessante, num estudo ulterior, expandir a amostra que constitui este estudo e trazer novos contributos para o aprofundamento e a problematização das temáticas aqui abordadas, bem como explorar, por exemplo, os atos de fala que são mais proeminentes nos vários números da revista.

Muitas respostas ficam por encontrar neste pequeno estudo que trata de alguns fenómenos linguísticos que promovem a construção de uma imagem positiva do colonizador português, sendo apenas mais um passo na área extensa e complexa que é a Análise do Discurso.

Justamente a encerrar este texto, cumpre-nos ressaltar que a escrita, nomeadamente uma escrita em que há uma forte imposição da ideologia salazarista, “tende a forçar o sentido, a postular uma interpretação, a influir na visão do mundo, a, afinal, executar aquilo mesmo que, na vida, as artes retóricas nos equipam para fazer: convencer os outros, levá-los, sub-repticiamente e sem que se apercebam, a aderir a sentidos que não entenderiam, interpretações que repeliriam, visões do mundo que os poriam em pânico.” (Jorge de Sena *apud* Alves, 2003: 109). Referências

## REFERÊNCIAS

- Alves D. M. 2003. Denotados & Conotados. In: *Foi você que pediu um bom título?*. Coimbra: Quarteto, 109-134.
- Briz, A. 2013. A atenuação e os atenuadores: estratégias e táticas. *Linha d'Água* 26 (2): 281-314.
- Charaudeau, P.; Maingueneau, D. 2004. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Editora Contexto.
- Corbari, A. T. 2008. *Um estudo sobre os processos de modalização estabelecidos pelo par "é + adjetivo" em artigos de opinião publicados no jornal observatório da imprensa*. Paraná: Unioeste.
- Dijk, T. V. 2006. Discurso y manipulación: Discusión teórica y algunas aplicaciones. *Revista Signos* 39(60): 49-74.
- Escandell, M. V. 1993. Grice y el Principio de Cooperación. In: *Introducción a la Pragmática*. Barcelona: Editorial Anthropos, 91-107.
- Fuentes, C. R.; Alcaide, L. 2002. *Mecanismos lingüísticos de la persuasión*. Madrid: Arco Libros.
- Galvão, H. 1931. *Portugal Colonial: Revista de Expansão e Propaganda Colonial*. Disponível na Internet em: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/PortugalColonial/PortugalColonial.htm>, acessado em 15.04.2017.
- Kerbrat-Orecchioni, C. 1980. De la Subjectivité dans le Langage: quelques-uns de ses lieux d'inscription. In: *L'énonciation de la Subjectivité dans le Langage*. Paris: Armand Colin, 35-146.
- Oliveira, F.; Mendes, A. 2013. Modalidade. In: E. P. Raposo *et ali.* (Orgs.) *Gramática do Português*, Vol. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 623-693.
- Palrilha, S. M. R. 2009. *Contributos para a Análise dos Actos Illocutórios Expressivos em Português*. Dissertação de mestrado, Universidade de Coimbra.
- Pinto, A. G. 2012. Marcas de Dialogismo e Polifonia nos Manifestos Políticos das Presidenciais de 2011. In: *Estudos Linguísticos/Linguistic Studies*, 8. Lisboa: Edições Colibri/CLUNL, 195-212.
- Vilela, M. 2002. *Metáforas do Nosso Tempo*. Coimbra: Almedina.



Figura 1: Capa do primeiro número da Revista *Portugal Colonial*.





Figura 2: Cabeçalho Interior, de Diniz Fragozo.



Figura 3: Primeira página de propaganda

# Expediente

A todas  
as pessoas a  
quem fôr enviada  
a nossa revista e  
que não a desejem assinar,  
rogamos a finésa de a  
devolverem imediatamente à  
redacção, pois, considerando nós,  
segundo uma velha praxe, assinantes todos  
aquêles que assim não procederem,  
a devolução imediata evitar-nos-há  
despezas e trabalho importantes. //  
As assinaturas de "Portugal Colonial"  
podem ser pedidas à nossa redacção,  
directamente, ou a qualquer dos  
nossos agentes das Colónias,  
Ilhas e Brasil. A cobrança será  
feita pelo correio quando os srs.  
assinantes não dejessem enviar  
as importâncias das assinaturas  
directamente à Administração na  
R. Augusta,  
229, 2.º

Figura 4: Expediente

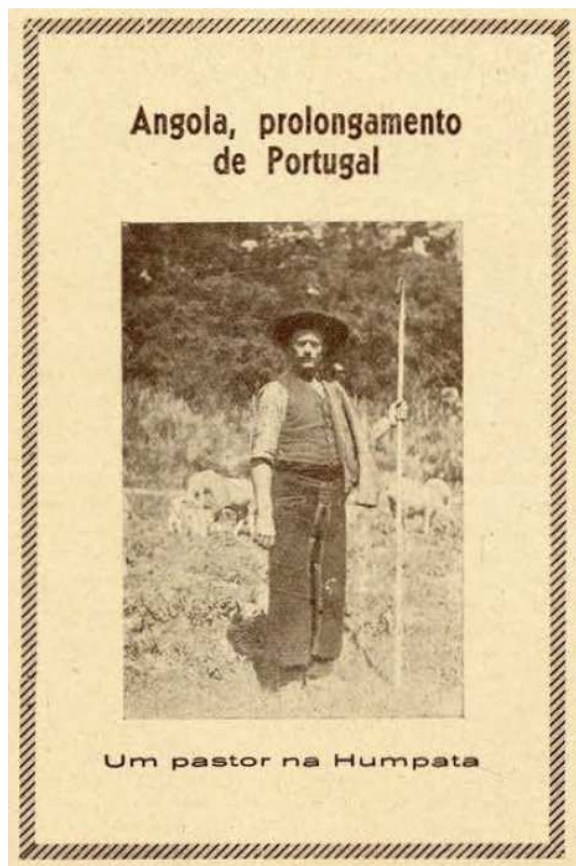


Figura 5

# Reorganização Administrativa de Angola

“Angola não tem problemas insolúveis. Todos se podem sucessivamente dominar. E’ questão de saber e de bom senso”, disse o Ministro das Colónias, Ex.º Sr. Dr. Armindo Monteiro, numa entrevista que concedeu á “Portugal Colonial”.




Dr. Armindo Monteiro  
Ministro das Colónias

Os objectivos da reorganisação administrativa - Ideias novas, processos novos - Os sacrificios da Metrópole por Angola - “O Angolar ha de ser defendido tenaz e energeticamente”

Figura 6

## ANGOLA




Uma procissão na missão religiosa do Tchiepepe-Huila

Figura 7

### AS GRANDES RIQUESAS INDUSTRIAIS DE ANGOLA

#### AS SALINAS DO CAPULO

A 13 Km. do Ambriz, numa esplendida enseada onde podem fondear os maiores navios e com uma área de 278 hectares. Actualmente estão em exploração pouco mais de 100 hect. que produzem cerca de 10.000 toneladas, produção que póde rapidamente atingir 100.000 tna. O sal produzido é considerado do melhor do mundo. As análises officiis dão-no como muito próximo do apreciado sal de Sebtiat.



A exportação é feita sobretudo para o Congo belga, S. Tomé, Moçambique, e sal de Angola, onde tem a preferência para a salga do peixe.

Salinas de grande futuro, dada a sua posição geográfica, que se indica como as mais economicas formadoras das Ungas belga e franceis, que anualmente consomem mais de 30.000 toneladas, e tanto assim quanto é certo que a maior parte do sal importado por estas duas grandes colónias estrangeiras é, na sua maior parte, sal gema, que os indigenas rejeitam sempre que podem alcançar sal marinho. Esta industria e o seu progressivo desenvolvimento devem-se a um dos melhores colonos e industrialistas de Angola — o Sr. João Martins.

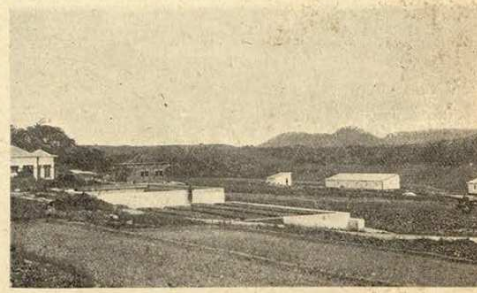
★

A água do mar para o abastecimento das Salinas entra naturalmente nas maré-vivas por meio de uma rampa que conduz as vagas a um tanque de captação donde segue através duma vala de cimento e alvenaria para as salinas.

PORTUGAL COLONIAL

Figura 8

### Estação Zootecnica da Humpata



Novas instalações

PORTUGAL COLONIAL

Figura 9

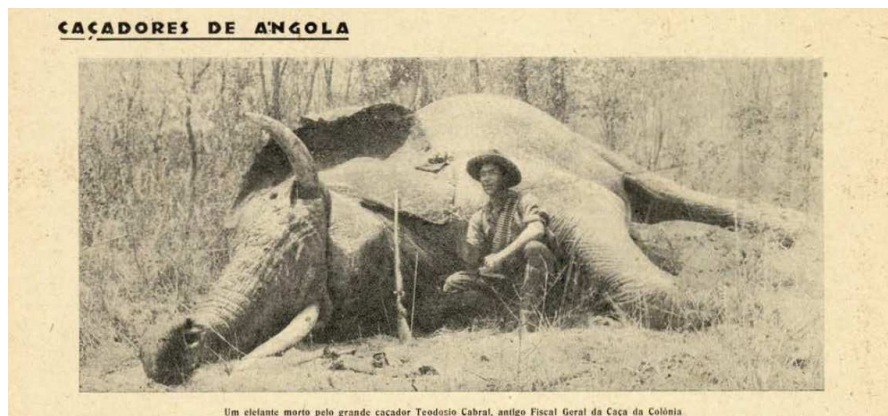


Figura 10

**Colégio da Bafureira**  
Linha de Cascais Parêde

Um dos edifícios onde está instalado o Colégio

**O**S problemas da Educação encontram já em Portugal ótimas soluções sob todos os complicados pontos de vista que encerram.

Entre os estabelecimentos a quem a Instrução em Portugal mais deve, figura o *Colégio da Bafureira*, fundado em 1919 e de que são directores os ilustres pedagogistas D. Julia Margarida dos Reis e o Dr. Paulo dos Reis Guedes.

O *Colégio da Bafureira* além de ter superiormente organizados, com o melhor corpo docente de Lisboa, auxiliado pelo material pedagógico mais moderno, os cursos primário, dos liceus, elementar do Comércio, do Conservatório de Lisboa e ainda cursos especiais de Desenho artístico, pintura, bordados, arte aplicada, corte e dança, que o secundam como o estabelecimento mais moderno do país, dispõe

ainda duma situação que não pode ser indiferente a todos os pais que tem filhos para educar.

Instalado num edifício com todas as condições de higiene, desafogo e recreio para os alunos, está situado na melhor praia infantil de Portugal — a Parêde.

Além da cuidada educação intelectual e moral que recebem e da qual são demonstrações evidentes os resultados alcançados, o *Colégio da Bafureira*, pela situação e instalações de que dispõe e ainda pela atenção que lhe merece a educação física dos alunos, realisa por consequência inteiramente a velha fórmula romana que tão necessária é às crianças do nosso tempo: *Mens sana in corpore sano*.

E se sob todos estes aspectos o colégio é recomendável para todas as crianças, duma maneira geral, a sua situação recomenda-o, em especial para a educação de todas as crianças do país, entre as quais figuram as que tantas vezes vêm das nossas Colónias ou que nelas têm passado períodos largos e debilitantes.

Aspecto do refectório do Colégio, debruçado sobre o mar

PORTUGAL COLONIAL

Figura 11

#	Frase
1	Milhares de cartas são lidas e relidas todas as noites, por toda a África Ocidental, à luz clara do Petróleo Sunflower, o iluminante preparado para usos domésticos.
2	Sunflower não deita cheiro nem suja as torcidas.
3	Por consequência quando V. Ex.ª precisar, não peça só Petróleo, mas sim Petróleo Sunflower.
4	PORTUGAL COLONIAL. UMA APRESENTAÇÃO Por Henrique Galvão
5	PORTUGAL, a quarta potência colonial do mundo, e primeira na riqueza das suas tradições coloniais, mestre de colonizadores, precursor equilibrado e perfeitíssimo da colonização moderna e a nação que de direito, mais puro e indiscutível, é cabeça dum grande império de fronteiras mundiais, desviou-se do sentido colonial, por volta de 1820, com as primeiras febres do liberalismo.
6	Todas as forças ligações que prendiam e animavam, como artérias e nervos dum corpo único, o pequeno território metropolitano às vastas possessões de Alem-mar entraram a debilitar-se.
7	E a Nação, quase desarticulada, esqueceu que havia um território continental abandonado, um império extra-continental mais abandonado ainda e imerso em torpão africano, um glorioso passado de heroísmo libertador e civilizador a honrar, um notável património espiritual de língua, de cultura e de génio cristão a defender e a manter, esqueceu sobretudo, que havia seis milhões de homens - seis milhões de almas - que precisavam viver, não degradados à condição servil dum colonia de mestijos, mas sim reerguidos ao nível normal dos homens europeus.
8	E a Nação, tanto se reduziu e amesquinhou que pouco mais vida tinha que a que lhe permitia um coração aritmico e falhado que pulsava nas lages frias do Terreiro do Paço.
9	Tudo o Império se concentrou, sem brío, nem grandeza, numa praça pública.
10	Daqui resultou escurecer-se, quase completamente, o sentido colonial dum povo da sua finalidade histórica mundial.
11	Mas por fim desse tão calunioso século XIX, na mesma altura em que as artes, e as letras e as sciencias ganhavam pela mão dum geração brilhantíssima, um fulgôr que não conheciam desde a Renascença, surgia também uma geração de coloniais que, dando realidade e grandeza à nossa soberania em terra de África, sacudia o torpor em que vivíamos e restabelecia, na ordem militar, o nosso desviado sentido colonial.
12	E com uma soberania que começou a exercer-se de facto e, só por si, reatava parte da influencia penetrante que, mesmo nas colónias de África já tinhamos exercido intensamente, ficou preparada a grande obra de colonização, que o barranco aberto em 1820 tão lamentavelmente interrompeu.
13	O País, aplaudiu alguns dos heróis, invocou o passado das glórias e queimou em sessões solenes de embaideirada retórica o seu cómodo entusiasmo - mas não seguiu o grande movimento.
14	Numa palavra, é necessário que Portugal retome nas ordens politica, moral e económica, tão brilhantemente que retomou na ordem militar, o sentido colonial perdido com os primeiros alvôres do século passado.
15	Não pôde haver um grupo de «coloniais».
16	É necessário, emfim, que todos os portugueses, no convencimento da missão que o seu País tem a cumprir, o sejam.
17	Tanto os que vão às colónias como os que na Metrópole consomem a sua vida!
18	E ninguém dirá que não seja este um ideal capaz de substituir com vantagem e interesse essas ideologias torpes da Política que hoje constituem, quasi exclusivamente, o repasto espiritual dos portugueses que tem voz activa nos destinos do País.
19	A «Portugal Colonial» nasce pois dentro deste pensamento: Contribuir na medida das suas possibilidades e com a pureza das suas intenções, até onde consiga realiza-las, para o restabelecimento dum sentido colonial que não pôde ser prorrogativa dum grupo sem unidade, mas que tem que ser bussola e facho de quantos são alumiados pelo sol do Império Português.
20	Para tanto procurará, longe de toda a politica inferior e de todos os interesses ilegítimos fazer a propaganda das nossas colónias, pugnar pela formação de uma hierarquia de valores, animar as gerações novas em é preciso recrutar urgentemente elites coloniais, agitar e estudar os problemas que interessam às colónias, acolyer e orientar todos os entusiasmos sinceros e todas as boas vontades decididas.
21	Finalmente, procurará prestar ao País, cujas forças morais é preciso levantar, o serviço de o convencer que a coordenação da politica económica da Metrópole, assenta virtualmente a ressurreição do nosso bem estar e - mais ainda - da nossa missão imperial.
22	Não sabemos até que ponto conseguiremos realizar o nosso programa, mas cremos que não é esforço perdido tudo quanto se faça para incutir na mentalidade portuguesa uma esperança, confiante num futuro próximo das Colónias e nas Colónias um amor cada vez mais vivo pela Mãe Patria.
23	Outros, melhor e mais largamente apetrechados, poderiam fazer o que nos hoje, modesta e dificilmente, encetamos.
24	Mas não o tem feito.
25	Portugal - a 4.ª potencia colonial do mundo - não tem, praticamente, uma grande Imprensa Colonial.
26	A «Portugal Colonial» vem preencher uma pequena parte dessa lacuna - apenas uma pequena parte.
27	Porque a sua vida, num meio ainda hostil a empreendimentos desta natureza, não pôde deixar de ser difficil, porque a anima uma idéa otimista que o pessimismo elegante do tempo não auxiliará, porque os criticos de café e os calunhadores de profissão, lhe hão de atribuir todas as ruins intenções com que a sua inventiva habitualmente mimoseia todos os esforços, porque, emfim, o «mal haver» que resulta do «por bem fazer» não é novidade nem consequencia imprevista para nós, ignoramos a duração e os effeitos da sua carreira.
28	Mas sabemos que não ha lutas sem sacrificados, nem victorias sem imolações.
29	Porque a questão colonial domina hoje de muito alto as grandes questões nacionais, porque é nas colónias que se ha de cumprir o destino dum país cuja existencia como nação e como império é condicionada pela fórma como honrar no futuro uma grandeza que o passado lhe legou, porque, emfim, os problemas coloniais tem, nos ultimos tempos, agitado todas as opiniões e suscitado um interesse raro, as palavras de S. Ex.ª, cheias de firmeza e de otimismo, de vigôr e de serenidade, de consciencia e de confiança, tem um valor e uma oportunidade que é escusado enaltecer.
30	O sr. doutor Armando Monteiro - o mais novo dos ministros que tem sobraçado a pasta das colónias - entrou para o seu ministerio com uma galhardia, um desassombro e uma segurança que são raras entre estadistas portugueses.
31	Ele o disse: Sei o que vou fazer!
32	E com ele entrou também no velho ministerio um sangue novo e generoso, um talento desempoeirado e - sobretudo - um cérebro disciplinado, com idéias arrumadas e uma cultura sólida.
33	Sente-se que com ele prometem demolir-se velhas fórmulas, velhos preconceitos, empoeiradas idéias em que tem assentado raizes os velhos erros que tanto lamentamos.
34	No momento em que a frente da pasta das Colónias se encontra um Ministro que é ao mesmo tempo um economista disintitíssimo.
35	As suas palavras são firmes e precisas como sempre, claras como quem não desconhece o caminho que tinha - E' indispensavel fazer-se a reorganização administrativa de Angola, reorganização quasi total.
36	Essa reorganização tem de ser feita com um duplo objectivo: trazer o orçamento até ao seu equilibrio e dar um espirito novo aos organismos do Estado de modo a tornar a sua acção sobre a produção mais intensa.
37	Tem de modificar, portanto, os próprios principios em que até aqui tem assentado a estrutura administrativa da Colónia.
38	Onde se marcava a idéa dum centralisação quasi absoluta, temos de estabelecer uma grande descentralisação.
39	O Governo de Angola não pôde nem deve deixar-se continuar totalmente dependente das decisões de Loanda.
40	Tem de dar-se ás autoridades que, na hierarquia funcional, se achem colocadas entre o Governador Geral e os administradores de circunscrição, poderes e meios de acção novos, que as habilitem a influir decisivamente no desenvolvimento das regiões, por vezes imensas e ricas, confiadas ao seu cuidado.
41	Quanto aos serviços centrais ha que alterar também a sua contextura presente.
42	De facto, as necessidades dum administração séria reclamam que se concentrem sob uma só direcção serviços que tem a mesma natureza e que deviam subordinar-se à emsma orientação geral.
43	Nunca se viu um general entregar o seu plano ao inimigo antes da batalha.
44	E' claro que tenho a acrescentar que isto não pôde ser considerado senão como uma fase transitória das relações financeiras entre a Metrópole e Angola.
45	O governo da Colónia tem de habituar-se a considerar a sua dívida como uma cousa sagrada, pagando pontualmente os seus juros.
46	Eu sei que a pobreza de alma de certos individuos os tinha já feito sonhar com grandes inundações de notas.
47	Já havia quem imaginasse uma desvalorização da moeda, para que a queda do Angolar diminuisse os seus débitos.
48	Esses erraram os cálculos.
49	O Angolar ha de ser defendido tenaz e energeticamente.
50	E se houver energia e continuidade o problema ha de ser resolvido.
51	O sr. doutor Armando Monteiro conclui com o seu otimismo sadio e moral que tem de ser a alavanca da gente nova - Angola não tem mesmo problemas insolúveis.
52	Mas o sr. dr. Agostinho de Campos - um dos raros europeus que temos a ventura de que como compatriotas - tem escrito, sobre alguns aspectos dos nossos problemas coloniais com o brilho, o sentido de realidades, o espirito critico e o bom senso que, sendo allas caracteristicas muito notidas do seu magnifico talento, mais uma vez o afirmaram como um orientador preciso, desses de que as gerações novas carecem e que tanto escasseiam na época em que vivemos.
53	O sr. dr. Agostinho de Campos, é assim o melhor representante e a realidade viva dum idéa que defendemos: Pode-se ter um sentido colonial nitido e afinado sem à que para isso seja necessario ir às Colónias.
54	E Portugal só será um grande país colonial quando todos os portugueses o tiverem - quando todos os portugueses forem coloniais.
55	PORQUE é que se coloniza?
56	Para que se tem colónias?
57	¿ Que sentido se contém hoje em dia na expressão «Império Colonial»?
58	A creança e o entusiasmo religioso, a ambição de glória, o espirito cavalheresco, a ansia de lucro, o orgulho da nação ou de raça, a energia física e moral exuberante, o génio aventureiro, o instinto das necessidades politicas, as fatalidades geograficas, a lei do menor esforço (verdadero ou illusório), a velocidade adquirida em séculos de guerras contra vizinhos, pobreza e imaginação que via luzir ao longe o ouro apeteido - de todos estes impulsos sociais e naturais, alguns contraditórios, se formou uma corrente de forças, superior à vontade e ao raciocinio humano, que nos fêz - a nós e a outros depois de de nós - dilatar a Fé e o Império.
59	Na sua essência a iniciativa e persistência colonizadora resume-se em três palavras: exuberar, possuir, dominar.
60	Dar emprego a energias transbordantes.
61	Águas passadas não movem moinhos - nem que sejam os de D. Quixote.
62	O direito dos povos a dispor de si próprios e artigo novo no código moral e politico das relações internacionais.
63	Reza assim o parágrafo unico:
64	«Há povos atrasados que não sabem ainda governar-se por si próprios, e há nações adelantadas, com sabedoria governativa que lhes chega para elas e ainda sobra para outros.
65	Estas, portanto, governarão ou colonizarão aqueles, até os elevarem ao seu alto nível de capacidade administrativa ou politica - e nem um minuto mais».
66	Coloniza-se porque é sábio.
67	Tem-se colónias para dar aula.
68	E um império colonial não pode ser, hoje em dia, senão uma espécie de colégio ou Kindergarten - jardim-da-infancia para os povos, onde uma nação mestra, que adora as crianças, ensina os meninos brincando, e sem lhes dar com a palmatória.
69	Só mudaram as palavras e as fórmulas, ficando e destrutivo brinquedo dos homens.
70	A colonização é fenómeno humano, eterno e complicado, contra o qual nada podem as efémeras e excessivamente simples idéias dos homens.
71	Nem a lógica tem vida, nem a vida tem lógica, a não ser a sua própria, que soberanamente se ri da nossa.
72	Nenhum povo, em nenhuma época, foi, porém, como o português, animado por força de expansão tão viva e tão original ( ...) força que ainda hoje se deve invocar, para explicação do próprio temperamento da raça e boa orientação do espirito colonizador, que parece agora ressurgir agora dentre as brumas da desordem.
73	O genio português na obra de expansão ultramarina manifesta-se nos alvôres da historia e talvez enraize ( se é possível comprovar-se a existencia da Atlantida) no proprio fundo autóctone da raça, tirará as suas origens das populações atlânticas, transformado embora pela influencia cruzada das varias migrações que procuraram a nesga do territorio onde se veio a formar Portugal, ou ao contacto dos povos que foram encontrando no seu caminho.
74	As origens, relembrando tempos idos de maior fulgôr ou a memória desse continente marçalhoso - a Atlântida, - enlaçada à alma do povo, inocente e imprecisa, como sonho transmitido através dos séculos, de geração em geração, ou a vigilância do mar, que foi sempre o campo livre da sua acção, - desse mar que banha ainda, - como outra, a costa da terra que lhes serviu de berço, - deram aos portugueses a atracção das terras escondidas nas brumas da lendã, e do ignoto das novas terras a explorar - a atracção do proprio misterio em sim, - imprimindo à população uma anciedade expansiva cheia de heroica melancolia, que ao mesmo tempo os arrastava em busca de novas impressões e os levava de alma presa à terra pela saudade.
75	O seu espirito de aventura desenvolveu-se, e navegavam já para o Sul e para o Norte, em viagens muito mais arriscadas do as dos fenicios que, se alguma coisa lhes ensinaram, com elles ao menos aprenderam o conhecimento do estanho.
76	Mas o espirito da colonização, - colonização por fixação e intercolaboração dos colonizadores e dos colonizados, herdado-lo dos romanos, enriquecendo-o com os ensinamentos anteriores dos fenicios e dos gregos, e adaptando-o depois ás circunstancias de meio e de logar e criando assim um método proprio que fomos aplicando em todas as terras e ao contacto dos povos que encontramos.
77	O conhecimento das terras africanas, das Canarias e talvez de Cabo Verde, perdera-se na desordem imensa, provocada pelas invasões dos bárbaros - e foi aos portugueses que se ficou devendo o seu moderno recrudescimento.
78	Alli mesmo se principiou a caracterizar a acção colonizadora dos portugueses, activa, energica, progressiva, humanitaria, sentimental, sempre com um fundo de justiça e de igualdade fôsse qual fôsse o povo ou a raça a colonizar.
79	Mas uma vez mais a desordem interrompeu a tradição.
80	Os velhos coloniais ditectados no trabalho, na observação e no estudo foram desaparecendo sem que as suas aptidões, a sua experiencia e a sua boa vontade fossem aproveitadas e galardoadas.
81	Ante a concorrência dos atrevidos e mediocres foram muitas vezes postos de parte.
82	Que os novos procurem acrisolar a sua vontade nas dificuldades a vencer com a natureza, muitas vezes inóspita, e com as circunstancias, em Africa, onde, mais do que na Europa, se põem à prova as qualidades de inteligencia, de bravura e de organização que fazem os chefes, os guias, os condutores dos povos conscentes da sua missão na terra.
83	Que vozes novas sigam a juntar-se ás dos velhos queimados pelo sol da Africa e que nunca se sentiram, onde quer que lidaram na obra civilizadora comum, longe de Portugal!
84	O sal produzido é considerado o melhor do mundo.
85	As análises officais dão-no como muito próximo do apreciado sal de Setúbal.
86	«Mas de modo algum deve deixar de ser levado a crédito ou a débito do seu valor como funcionários publicos, e, como tal registado na folha de serviços de cada funcionario colonial, o interesse ou o desinteresse que eles mostram pelo aumento da riqueza publica na área da sua jurisdicção, pelo desinteresse a tal respeito manifestado, ou pelas difficuldades por elles creadas ao aumento da mesma riqueza publica».

87	Mas dêsse estudo , que interessa profundamente , não só aos capitais e actividades empregadas na utilização das possibilidades da terra nas colónias portuguesas , e portanto ao aumento da riqueza pública colonial , mas igualmente interessa a defesa da Unidade Económica Nacional , e , como consequência , ao desenvolvimento da Marinha Mercante Portuguesa , à maior radicação da nossa nacionalidade em todas as colónias , até directamente interessando as finanças do Estado em todas elas , pois é a riqueza pública que os Governos das Colónias vão buscar , por tributação adequada , as receitas indispensáveis às despesas gerais da sua administração , dêsse esatudo , repelimos , resulta a imperiosa necessidade do funcionalismo publico colonial se interessar , com boa vontade e com inteligência , no aumento da riqueza pública , que é afinal , a origem das receitas com que o Estado lhe paga .
88	E , a tal propósito , e porque o Governo já autorizou a publicação dos relatórios da Comissão a que acima se fez referência , não pôde haver inconveniente em aqui transcrever os seguintes períodos de um desses relatórios que aos assuntos neste artigo tratado profundamente interessam .
89	As colónias são países em construção : só podem fazer-se vagarosa e pertinazmente com economia , sacrificio das comodidades pessoais , saber técnico , trabalho e disciplina; o amor dos papeis e das fórmulas complicadas embaraça o seu crescimento .
90	Na hora presente , em que as colónias portuguesas estão atravessando uma grave crise económica , e , como consequência , o Estado em cada colónia uma grave crise financeira , uma missão da mais alta importância é distribuída ao funcionalismo colonial .
91	A Índia , desde os Himalaias até ao Camorim , se ufanava e satisfazia o mundo inteiro .
92	Apenas é de lastimar que num Paiz colonial de tão altas e distantes tradições colonisatórias , esse espirito não esteja já creado e em plena florescencia .
93	Crise que só será possível vencer pelo acção intelligente , ponderada e cautelosa do Estado , exercida por um funcionalismo de elites , recrutado entre os que tenham sufficiente cultura que às colónias interesse como a que a Escola Superior Colonial ministra aos que por ela passam .
94	Muito mais pratico , mais vantajoso e mais proveitoso para Portugal seria o contentar-se a ser tão sómente ceileiro e árbitro das riquezas do Oriente , como de facto o foi por espaço de cem anos , sem que nenhuma outra nação contestasse os seus direitos , ou com o receio de se defrontar com as suas aguerridas riuas , ou ocupadas como todas elas andavam em guerras intestinas .
95	Correia Mendes , que conhecemos por ser um férro agitador de ideias novas em todos os campos da sua actividade , ha-de produzir bom fruto se forem regadas com paciência e insistência , que afoguem a excelsa resistência passiva , que recalitra contra as inovações , contrárias a conservadora Índia dos tempos imemoriais .
96	As conferencias da Sociedade de Geografia - salvo excepções honrosissimas - tem sido caracterisadas , no que diz respeito às coisas coloniais , por um probreza de conceitos que arripiam , e a continuar assim , teremos que lhe preferir - os que cá estamos tao longe , ávidos de noticias sólidas e concretas - o relato dos serões da pensão da Dona Mafalda .
97	Triste é confessá-lo .
98	A este movimento tem-se conservado indifferentes os industriais portugueses que só muito recentemente parecem dispostos a arripiar caminho .
99	E' preciso pôr de parte a monomania , verdadeiro circulo vicioso de a proposito de tudo se implorar o favor pautal .
100	Como - e muito bem - já o afirmou algures o grande Reconstitutor das Finanças Nacional dr. Oliveira Salazar o favor pautal , por si só , não resolve o problema .
101	O Estado por si só não pode fazer milagres .
102	Não nos interessa a questão no seu aspecto de mexerico da Rua dos Capelistas , nem apurar os motivos que deram origem ao boato .
103	Essa comissão , de certo , não deixará de tomar como base dos seus trabalhos o conhecimento profundo e imparcial da situação de ambas as companhias .
104	De resto tem um exemplo recente a servir-lhes de ponto de referência .
105	Em Angola , até agora , os esforços realísados para combater a crise , tem-se conservado desordenados e sem programa , sendo todavia de considerar a notável entrevista concedida pela professor Armindo Monteiro , actual Ministro das Colónias , ao «Diario de Noticias» em 12 de Janeiro no seu regresso de Angola e na qual , pela primeira vez , desde a eclosão da crise se afirma um nítido espirito de compreensão dos males que affectam Angola .
106	Nota-se também que apesar da baixa que durante o ano findo se deu nas cotações do algodão o valor da importação do mesmo ano ainda orçou por cerca de 1.400 mil libras .
107	Calcula-se que a produção de Angola em 1930 tenha sido superior a 800 toneladas , devendo a de Moçambique exceder em pouco a de 1929 .

## Quadro 1